

As dificuldades da assistência de enfermagem no manuseio da escala de CARS para pontuação do Autismo na Infância em pacientes de 02 a 06 anos com Transtornos do Espectro Autista

TÁRSIS HÉBER MENDONÇA DE OLIVEIRA

*Enfermeiro da Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas – SES/AM
Especialista em UTI, Gestão e Auditoria em Saúde
Mestre em Saúde Pública*

ANNA LUIZA DE LIMA VIEIRA

*Acadêmica do curso de graduação em Enfermagem – UNINORTE
Manaus - AM, Brasil*

DAVID ERIK PINHEIRO SOUSA

*Acadêmico do curso de graduação em Enfermagem – UNINORTE
Manaus - AM, Brasil*

LAYNA KAROLLYNE MENEZES DIAS

*Acadêmica do curso de graduação em Enfermagem – UNINORTE
Manaus - AM, Brasil*

LORRAYNE NASCIMENTO DA SILVA

*Acadêmica do curso de graduação em Enfermagem – UNINORTE
Manaus - AM, Brasil*

MILENA DE ARAÚJO SANTANA

*Acadêmica do curso de graduação em Enfermagem – UNINORTE
Manaus - AM, Brasil*

SARIANA CUNHA SOUBREIRA

*Acadêmica do curso de graduação em Enfermagem – UNINORTE
Manaus - AM, Brasil*

Abstract

Present nursing care in infant patients aged 2 to 6 years, with grade 2, handling the CARS protocol. This is an Integrative Literature Review with search for scientific articles available in the databases. Nursing Database (BDENF), and Latin American Literature on Health Sciences (LILACS) and International Literature on Health Sciences (MEDLINE), in the period of the last 10 years, from the following question: "What are the difficulties of nursing care by applying the CARS protocol in the infant patient grade 2 of ASD?". Moreover, it is possible to describe the difficulties that nursing has in the application of CARS related to children with ASD, because it still lacks knowledge and willingness to learn how to detect early, cope and provide

Társis Héber Mendonça de Oliveira, Anna Luiza De Lima Vieira, David Erik Pinheiro Sousa, Layna Karollyne Menezes Dias, Lorryne Nascimento da Silva, Milena de Araújo Santana, Sariana Cunha Soubreira- **As dificuldades da assistência de enfermagem no manuseio da escala de CARS para pontuação do Autismo na Infância em pacientes de 02 a 06 anos com Transtornos do Espectro Autista**

technical and quality care for these patients. Through the studies it was possible to portray the difficulties of nursing care in the care of autistic patients and in the application of the CARS school, emphasizing how nursing is essential in the care of infant patients with ASD.

Keywords: Nursing Care; Autism Spectrum Disorder; Reception; Behavioral Assessment Scale.

Resumo

Apresentar a assistência de enfermagem no paciente infantil de 2 a 6 anos, com grau 2, manuseando o protocolo CARS. Trata-se de uma Revisão Integrativa da literatura com busca por artigos científicos disponíveis nas bases de dados. Base de Dados de Enfermagem (BDENF), e Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS) e Literatura Internacional em Ciências da Saúde (MEDLINE), no período dos últimos 10 anos, a partir da seguinte questão: “Quais são as dificuldades da assistência de enfermagem aplicando o protocolo CARS no paciente infantil grau 2 de TEA?”. Ademais, é possível descreveras dificuldades que a enfermagem possui frente a aplicação do CARS relacionado a crianças com TEA, pois, ainda falta conhecimento e disposição para aprender a como detectar precocemente, lidar e a prestar um cuidado técnico e de qualidade para esses pacientes. Através dos estudos foi possível retratar as dificuldades da assistência de enfermagem no cuidado ao paciente autista e na aplicação da escola CARS, enfatizando como a enfermagem é essencial no cuidado do paciente infantil com TEA.

Palavras-chave: Assistência de Enfermagem; Transtorno do Espectro Autista; Acolhimento; Escala de Avaliação Comportamental.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido por nomenclatura empregada pela primeira vez, pelo psiquiatra Eugen Bleuer em 1911, ele relata a fuga da realidade e o retraimento de adultos esquizofrênicos para o mundo interior (SANTOS et al., 2019). O TEA é também definido por meio de comprometimentos precoces no desenvolvimento sociocomunicativo, assim como pela presença de comportamentos repetitivos e estereotipados (APA, 2014).

O autismo é uma patologia que causa danos no sistema neurológico, afetando seu desenvolvimento, acarretando em problemas na comunicação

verbal e não verbal, no comportamento e nas habilidades sociais (APA, 2013), pode estar associado a diversas condições clínicas, tais como a deficiência intelectual, que está presente em cerca de 50% dos casos de autismo; epilepsia, presente em até 42% dos casos; deficiência auditiva; síndrome de Down; dentre outras (GUEDES, 2015).

A prevalência de autismo em meninos é quatro vezes maior do que em meninas, no entanto, há evidências de que as meninas tendem a ser mais severamente afetadas. Essa alta taxa em homens pode estar relacionada ao fato de que as mulheres são mais propensas a ter um QI mais baixo do que os homens (SANTOS et al., 2019).

Existe vários protocolos que são utilizados para diagnóstico do TEA e devem ser usados de acordo com a idade do paciente, alguns deles são: Avaliação de Traços Autísticos – ATA, Questionário de Avaliação – ASQ, Escala de Rastreo Precoce – M-CHAT, Instrumento diagnóstico – ADI-R, Inventário de Comportamentos – ICA, Ficha de Acompanhamento Infantil e Escala de avaliação infantil – CARS (GONÇALVES et al., 2013; MOOM et al., 2019).

O CARS é o instrumento mais usado desde sua publicação de Schopler em 1980. Atualmente é considerada a mais forte das escalas para comportamentos associados com o autismo. Esse protocolo já foi traduzido para várias línguas, e foi criado com o objetivo de ser eficiente na clínica e na identificação de possíveis suspeitos (JAE et al., 2019)

Os autores acima citados relatam ainda, o CARS tem a tendência de diagnosticar autismo em crianças com deficiências cognitivas aos dois anos de idade. Essa é uma escala de gravidade em quatro pontos sendo esses: déficit ausente, leve, moderado ou grave, para cada um dos 14 comportamento descritos, a saber: relações pessoais, imitação, resposta emocional, uso corporal, uso de objetos, resposta a mudanças, resposta visual, resposta auditiva, resposta e uso do paladar, tato e olfato, medo ou nervosismo, comunicação (BARBOSA et al., 2017; JAE et al., 2019).

Uma fraqueza relatada por Jae et al. (2019), é a discriminação pouco confiável entre crianças pequenas com autismo e crianças com idade mental equivalente, que sofrem de outros transtornos, especialmente limitações lingüísticas. O CARS não atenderá todas as necessidades dessas crianças, mas é um modelo de como adaptar um teste que já possui alta aceitação a uma nova cultura.

Segundo Dartora et al. (2014) e Barbosa et al. (2017) constata-se que há uma falta de capacitação na formação do enfermeiro, afetando na qualidade da assistência na criança com transtorno espectro autista pois se sentem limitados e despreparados no momento do cuidado, visto que, não é

um assunto enfatizado na graduação. Sabe-se que os profissionais de saúde têm pouco ou quase nenhum conhecimento sobre cuidado especializado em pacientes com autismo, visto que há uma variação de grau e protocolos especializados, para que seja dada uma assistência adequada e específica nestes casos e com base nas dificuldades apresentadas foi feita a seguinte pergunta: “Quais são as dificuldades da assistência de enfermagem aplicando o protocolo CARS no paciente infantil grau 2 de TEA?” .

O intuito desta pesquisa é informar, incentivar a capacitação, agregar protocolos extras aos profissionais de saúde, em especial, os médicos, os enfermeiros, técnicos de enfermagem, psicólogos e fisioterapeutas promovendo qualidade de vida a esses pacientes. Enfatiza-se a importância da atenção, acolhimento, orientação e esclarecimento junto às famílias, uma vez que elas também fazem parte do cuidado e assistência a esse paciente. É de interesse para o profissional de saúde possuir aptidão técnica e psicológica para possíveis perguntas, sensações de medo, sentimento de inferioridade diante do problema perante o preconceito da sociedade e dias difíceis ao lado desse familiar.

Esta pesquisa tem como Objetivo Geral, apresentar a assistência de enfermagem frente ao paciente infantil de 02 a 06 anos, com grau 2, usando o protocolo CARS visando aprimorar o acolhimento, descrevendo o protocolo de assistência citado anteriormente, retratar o tratamento complementar utilizando a equoterapia e a musicoterapia no intuito de desenvolver a interação social, visto que, a comunicação verbal e não verbal são fatores predominantes e moderados ao grau correspondente, além de conhecer as dificuldades dos enfermeiros na assistência de paciente com TEA.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo que utilizou os métodos da Revisão Integrativa da Literatura - consistem em organizar, esclarecer e resumir as principais obras existentes, bem como fornece citações completas abrangendo o espectro de literatura relevante em uma área. A análise das publicações pode contribuir na reformulação histórica do diálogo acadêmico por apresentar uma nova direção, configuração e encaminhamentos (LAKATOS; MARCONI, 2021).

Critério de inclusão: Foram utilizados artigos científicos de revistas indexadas disponíveis nas bases de dados online como Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e Literatura Latino- Americana em Ciências da Saúde (LILACS). Utilizando os descritores “Assistência de enfermagem” “Transtorno do Espectro Autista”, “Acolhimento”, “Escala de Avaliação

Társis Héber Mendonça de Oliveira, Anna Luiza De Lima Vieira, David Erik Pinheiro Sousa, Layna Karollyne Menezes Dias, Lorryne Nascimento da Silva, Milena de Araújo Santana, Sariana Cunha Soubreira- **As dificuldades da assistência de enfermagem no manuseio da escala de CARS para pontuação do Autismo na Infância em pacientes de 02 a 06 anos com Transtornos do Espectro Autista**

Comportamental”, estudos publicados no Brasil, em idioma português, espanhol e inglês, publicados no período dos últimos 10 anos.

Critério de Exclusão: Foram excluídos artigos científicos que não estavam disponíveis em texto completo, menores de 02 anos e maiores de 06 anos, outros protocolos relacionados ao TEA, outros graus de classificação não relacionados ao objetivo da pesquisa, dissertações de mestrado e tese de doutorado, monografias e demais trabalhos acadêmicos não publicados.

Os artigos selecionados foram submetidos a uma leitura rigorosa do texto completo e fichados para identificar os assuntos relacionados as dificuldades do enfermeiro e a utilizando do protocolo CARS em pacientes com TEA grau 2, analisando os artigos científicos de acordo com os seguintes aspectos: título, autor, ano, procedência/periódico, principais resultados e conclusões.

Com a organização dos dados foi possível analisar e identificar os principais resultados dos artigos selecionados e com isso descrever as dificuldades do enfermeiro na utilização do protocolo CARS em pacientes infantis com grau 2 com TEA. A análise se deu através da triangulação dos dados coletados, com a análise crítica do autor da pesquisa frente a literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dificuldades dos enfermeiros na assistência de pacientes com TEA

A Síndrome do Espectro Autista é uma patologia que compromete o desenvolvimento motor e psiconeurológico. De acordo com Alvarenga (2017), o autismo não possui uma etiologia definida, seus estudos mais recentes apontam que, o eixo principal dessa patologia, é o fator genético, embora alguns cientistas considerem que essa síndrome é de cunho ambiental. Hoje a explicação mais aceita é de que o Autismo é desencadeado pela carência de sinapses excitatórias e inibitória pelos neurônios, acarretando assim, problemas neurológicos e características peculiares, como a diminuição da cognição e falta de interação social.

De acordo com Vilar et al. (2019), o TEA acomete com maior frequência o sexo masculino, e apresenta perturbação do funcionamento em diversas áreas, como desenvolvimento alterado, falta de concentração e dificuldade de aprender pelos meios convencionais. As pessoas com autismo apresentam empobrecimento no processo das emoções, o que interfere no reconhecimento dos pensamentos e sentimentos de si mesmo e de outros indivíduos. Ele tende a sentir a necessidade de não ser incomodado, e fica angustiado ao ter o seu isolamento atrapalhado, possui dificuldade em aceitar

que algo seja modificado, sendo interno e externamente, interpretando como uma invasão ao seu espaço.

É importante enfatizar que a criança com TEA é assistida pela Política de Saúde Mental infanto-juvenil, abrangendo uma rede de cuidados com o objetivo de atender as necessidades de cuidados das crianças e adolescentes com transtornos mentais. Esta rede foi organizada através da implantação de Centros de Atenção Psicossocial infanto-juvenil (CAPSi); da articulação em rede dos serviços e dispositivos da rede de saúde, principalmente o apoio à APS; e, da construção de estratégias para articulação intersetorial da Saúde Mental com outros setores envolvidos, tais como a Educação, Justiça e Assistência Social. Atualmente o CAPSi é a principal referência para crianças que estão no TEA (ARAÚJO et al., 2019).

Diante disso, é importante que o enfermeiro desenvolva habilidades para perceber com facilidade os sinais que identificam o TEA, oferecendo assim, suporte, encorajamento e tranquilidade, focando no bem-estar do paciente. (MELO et al., 2016). É primordial que a criança não se sinta ansiosa, humilhada, ameaçada, rejeitada ou ignorada. Portanto, é fundamental existir uma preparação do profissional para conquistar a confiança do paciente e sua família (BARBOSA; NUNES, 2017).

Levando em consideração que existe desde um grau leve até um mais grave onde se tem maior comprometimento na comunicação e atividades cognitivas, o autismo começa a se manifestar antes mesmo dos 3 anos. Para Anjos et al. (2019), é indispensável o acompanhamento com o enfermeiro que preste um cuidado visando o desenvolvimento do paciente mantendo a ética profissional, evitando precipitações em diagnósticos, orientando a família sobre cuidados e promovendo uma qualidade de vida juntamente com uma equipe multiprofissional.

Segundo Sena et al. (2015), o enfermeiro que atua na Atenção Primária, possui um papel importante na detecção precoce e tratamento do autismo, pelo fato de estar inserido dentro da família acompanhando-o prestando-lhes a assistência necessária. Os enfermeiros dedicados à saúde mental prescrevem cuidados para melhorar o cotidiano e a convivência em todos os ambientes pelos quais circula o paciente, pode participar da construção do plano terapêutico junto com a equipe multiprofissional e busca do acompanhamento dos serviços da rede pública de saúde. No âmbito de relações familiares, o enfermeiro pode atuar na capacitação dos pais, escolas e sociedade como agente multiplicador de informação sobre o TEA (COREN/SP, 2020).

Uma das dificuldades mais relatadas em Soelt et al. (2020) é a falta de conhecimento acerca do transtorno do espectro autista elencado com o

medo da reação do paciente, esse autor relata ainda que o conhecimento dos profissionais da enfermagem sobre TEA é falho, sugerindo despreparo e insegurança no atendimento a essas crianças. Desde sua formação especializada, eles não tiveram acesso a tais temas, por isso é necessário incentivar essa abordagem e produzir novas pesquisas sobre o assunto por parte desses especialistas, devido à sua grande relevância no cenário atual.

O apoio de enfermagem a pessoas com autismo tem sido identificado como fundamental na implementação do processo de enfermagem. Mostra a necessidade de um olhar imparcial e atento às necessidades e sofrimentos do outro, pois na maioria das vezes haverá dificuldade em expressá-lo em palavras (MAGALHÃES et al., 2020). Este autor relata ainda a consideração das habilidades profissionais em relação aos cuidados a serem prestados à criança com autismo, os profissionais de enfermagem as classificam como significativamente inferiores ao atendimento à criança com fibrose cística e diabetes. Isso acontece porque esses profissionais se sentem despreparados para prestar atendimento à criança com TEA.

Portanto, o enfermeiro tem capacidade de proporcionar uma assistência adequada para as crianças com autismo, como também perceber as pessoas com necessidades especiais como parte do mundo, a qual não se deve omitir por medo dos obstáculos. Magalhães et al. (2020) ressalta que as dificuldades devem ser enfrentados com perseverança, pois, fica claro a importância do auxílio e participação dos enfermeiros no processo de prevenção, promoção e reabilitação da saúde, promovendo melhor qualidade de vida as crianças autistas e seus familiares.

Assistência de enfermagem frente ao protocolo CARS

O enfermeiro é fundamental no cuidado do autismo infantil, sendo capaz de reconhecer sinais e sintomas, possuindo suspeitas, alertando os familiares, orientando quanto a informações e dando o devido apoio a essas famílias. É observada a falta de interesse da parte dos profissionais ou por não terem contato ou por não quererem aprender, dificultando o atendimento de forma ampla (SILVA et al., 2021). O olhar atento do enfermeiro é descrito por Sena et al. (2015), o qual deve ser avaliada o comportamento e o nível de desenvolvimento da criança, durante a consulta até o acolhimento dos pais, envolvendo-os no processo de acompanhamento, ressaltando os cuidados com a criança autista e as condições a serem enfrentadas, desse modo, influenciando positivamente no diagnóstico precoce e no tratamento.

O diagnóstico clínico do autismo é feito a partir de análises da criança e entrevistas com os pais ou quem cuida, o rastreamento é feito através de escalas e instrumentos de triagem convencionais, que ajudam a

reconhecer os problemas particulares. O diagnóstico varia de grau leve a grave. Não existe exames ou testes laboratoriais, as crianças podem apresentar características que facilitem a identificação da patologia. Portanto, segundo Anjos et al. (2019), é importante que o diagnóstico seja feito por uma equipe interdisciplinar, que podem analisar cada caso em conjunto e fornecer informações e orientações esclarecedoras e precisas, à família. Para que o diagnóstico precoce ocorra, os profissionais da saúde têm ferramentas disponíveis que irão avaliar comportamentos artísticos como a Escala M-CHAT e a escala CARS, apresentando maior eficácia em seu resultado (BRINGEL,2021).

De acordo com a nota do COREN-SP (2020), a escala de CARS é considerada um dos métodos mais eficácia para avaliação comportamental da criança com TEA. O parecer em questão retrata que o protocolo do estado São Paulo de diagnóstico, tratamento e encaminhamento de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) aponta que esses instrumentos são de uso exclusivos do psicólogo ou fonoaudiólogos, mas, de acordo com a Resolução COFEN n°599/2018, o enfermeiro capacitado em saúde mental e psiquiatria pode aplicar em consenso com os protocolos institucionais, a escala CARS para a avaliação da pessoa com TEA.

Para a realização do estudo utilizou-se, para a classificação do autismo, a escala CARS (ChildhoodAutism Rating Scale) ou "Escala de Pontuação para Autismo na Infância", sendo considerada a melhor escala de identificação do autismo e utiliza uma classificação de gravidade em quatro pontos (déficit ausente, leve, moderado ou grave) para cada um dos 14 comportamentos descritos, sendo os itens: relações pessoais, imitação, resposta emocional, uso corporal, uso de objetos, resposta a mudanças, resposta visual, resposta auditiva, resposta e uso do paladar, tato e olfato, medo ou nervosismo, comunicação verbal, não verbal, nível de atividade, nível e consistência da resposta intelectual e impressões gerais, além de diferenciar o autismo em leve, moderado e grave (FERNANDES et al., 2020).

Há 15 condutas que são subdivididas em quatro 4 grupos de sintomas, que são pontuados de 1 a 4, sendo 1 próximo da normalidade. Entretanto, de acordo com Ribeiro et al. (2017),é possível haver uma pontuação intermediária (1,5; 2,5; 3,5), para cada um dos grupos. A pontuação total consiste na soma de todos os pontos de cada área que pode ser entre 15-60. Sendo que, os resultados são divididos em: déficit ausente (15 a 29,5 pontos); autismo leve/moderado (30 a 6,5) e severo (37 a 60).

Társis Héber Mendonça de Oliveira, Anna Luiza De Lima Vieira, David Erik Pinheiro Sousa, Layna Karollyne Menezes Dias, Lorryne Nascimento da Silva, Milena de Araújo Santana, Sariana Cunha Soubreira- **As dificuldades da assistência de enfermagem no manuseio da escala de CARS para pontuação do Autismo na Infância em pacientes de 02 a 06 anos com Transtornos do Espectro Autista**

Tratamento complementar utilizando Equoterapia e Musicoterapia

No processo de cuidado à criança com transtorno do espectro autista, o enfermeiro pode utilizar de estratégias terapêuticas a fim de englobar o desenvolvimento social, comunicativo e cognitivo além de promover uma qualidade de vida. De acordo com Franzoi et al. (2016), a utilização da musicoterapia trabalha diversas áreas da criança com TEA, como: a criatividade, interação social, expressões corporais como a dança e o canto, essas formas estimulam a comunicação verbal e não verbal do paciente, diminuindo as chances de isolamento.

Por não possuir cura, conseguimos minimizar sintomas do autismo através de terapias complementares como a equoterapia, ela é estimulada pelos terapeutas ocupacionais, sendo efetiva no autocuidado da criança, como higiene pessoal e alimentação, ela estimula habilidades motoras e é notável a mudança no humor e o contato visual (SOUZA et al., 2017).

A atividade de equoterapia promove resultados positivos, sendo um conjunto de melhoras, não apenas na parte do desenvolvimento, mas na rotina, proporcionando o bem-estar não só para a criança como para seus familiares. Os cuidadores notam uma evolução no paciente na parte motora e na emocional, relatando que a criança consegue lidar com suas emoções e com os animais (CORIOLANO, 2021).

De acordo com Brandalise (2013) e Viana et al. (2021), apesar de ser uma prática utilizada desde 1960 como terapia, apenas agora, está tendo um reconhecimento e sua aplicação realizada por musicoterapeutas é recente. As técnicas podem ser desde a utilização de instrumentos musicais a utilização de vídeos musicais no tratamento e os pacientes são receptivos a essa terapia de forma criativa.

CONCLUSÃO

Concluímos que o conceito de autismo e a assistência de enfermagem direcionada especificamente para esse tipo de diagnóstico ainda se apresenta de forma generalizada. Constataram-se as várias formas de explicação e conceituação sobre o assunto, porém, não há uma ideia definitiva e puramente esclarecedora sobre como o profissional deve atuar diante do paciente em desenvolvimento prejudicado. Apesar do vasto roteiro de conduta apresentado no decorrer do trabalho, a assistência de enfermagem possui muitas lacunas de conhecimento e muitos estigmas a serem preenchidos antes de chegar a definitivo a uma assistência completamente eficaz.

Constatou-se um déficit de conhecimento dos enfermeiros acerca do autismo infantil e inexistência de intervenções práticas realizadas

Társis Héber Mendonça de Oliveira, Anna Luiza De Lima Vieira, David Erik Pinheiro Sousa, Layna Karollyne Menezes Dias, Lorryne Nascimento da Silva, Milena de Araújo Santana, Sariana Cunha Soubreira- **As dificuldades da assistência de enfermagem no manuseio da escala de CARS para pontuação do Autismo na Infância em pacientes de 02 a 06 anos com Transtornos do Espectro Autista**

com pessoas autistas e seus familiares, além da não oferta de capacitações que abordem o assunto. Reforçamos ainda que há pouco conhecimento e experiência por parte dos enfermeiros em identificar o autismo. Para isso, há uma grande necessidade de novos estudos que contribuam no desenvolvimento e ampliação do olhar clínico da assistência de enfermagem para esses pacientes.

REFERÊNCIAS

1. SILVA, SH et al. A assistência de enfermagem diante de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão da literatura. *ScireSalutis*, v.11, n.1, p.36-45, 2021.
2. SANTOS, NKSet al. Assistência de enfermagem ao paciente autista: um enfoque na humanização. *Revista de Saúde Dom Alberto*, 2019.
3. COREN-SP Nº 023/2020. Aplicação de escala de avaliação CARS e metodologia ABA em pessoa com Transtorno do Espectro Autista por enfermeiro. 2020
4. SOUZA, VMet al. O uso de terapias complementares no cuidado à criança autista. *Revista saúde física e mental*, v.5, n., 2017.
5. SOELT, SB. O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. *ABCS healthsci* ; 46: e021206, 09 fev. 2021.
6. CORIOLANO, AMM. A equoterapia como método terapêutico para crianças com transtorno do espectro autista (tea): um estudo de caso. I congresso internacional de psicologia faculdade américa, [S. l.], p. 1-5, 2021.
7. BRANDALISE, A. Musicoterapia Aplicada à pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, v. 15, n. 15, 2013, p. 28-42.
8. BARBOSA, PAS; NUNES, CR. A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo. Editora Múltiplos, 2017.
9. DARTORA, D; MENDIETA, M; FRANCHINI, B. A equipe de enfermagem e as crianças autistas. Universidade Federal de Pelotas. *Journal of Nursing and Health*, JONAH, 2014.
10. ALVARENGA, G. Autismo leve e intervenção na abordagem cognitivo- comportamental. Editora São Paulo, 2017.
11. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. DSM-5; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli [et al.]. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
12. VIANA, ÁLO et al. Práticas complementares ao transtorno do espectro autista infantil: revisão integrativa da literatura. *Enfermagem em Foco*, [S.l.], v. 11, n. 6, maio 2021. ISSN 2357-707X. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3258/1054>>.
13. FERNANDES, CR; SOUZA, WÁAA; CAMARGO, APR. Influência da fisioterapia no acompanhamento de crianças portadoras do TEA (transtorno do espectro autista). *Hígia- revista de ciências da saúde e sociais aplicadas do oeste baiano*, v. 5, n. 1, 2020.
14. MOON, SJ et al. Accuracy of the Childhood Autism Rating Scale: A systematic review and meta-analysis. *Developmental medicine & child neurology*, v. 61, n. 9, p. 1030-1038, 2019.
15. RIBEIRO, DM; MELO, NRC; SELLA, AC. A Inclusão de Estudantes com Autismo na Rede Municipal de Ensino de Maceió. *Revista Educação Especial, [S. l.]*, v. 30, n. 58, p. 425-440, 2017. DOI: 10.5902/1984686X25264. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/25264>. Acesso em: 24 abr. 2022.
16. ANJOS, M FS; REIS, MCG. Ações de Enfermagem no acompanhamento de pacientes com Transtorno do Espectro Autista. UNICEPLAC, Brasília-DF, p. 4-13, julho, 2019.

Társis Héber Mendonça de Oliveira, Anna Luiza De Lima Vieira, David Erik Pinheiro Sousa, Layna Karollyne Menezes Dias, Lorryne Nascimento da Silva, Milena de Araújo Santana, Sariana Cunha Soubreira- **As dificuldades da assistência de enfermagem no manuseio da escala de CARS para pontuação do Autismo na Infância em pacientes de 02 a 06 anos com Transtornos do Espectro Autista**

- 17.SENA, RCF; REINALDE, EM; SILVA, GWS; SOBREIRA, MVS. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. Revista de pesquisa cuidado é fundamental online, Rio de Janeiro, vol. 7, no. 3, p.2707-2716, 2015.
- 18.FRANZOI, MAH et al. Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. Departamento de Enfermagem e Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Texto & Contexto - Enfermagem [online]. 2016, v. 25, n. 1 [Acessado 23 abril 2022].
- 19.BRINGEL, R. Autismo com a Escala CARS e Escala M-CHAT. Renata Brigel, maio, 2021. Disponível em <https://renatabringe.com.br/autismo-cars-m-chat/>. Acesso em 04/04/2022.
- 20.GONÇALVES, T; PEDRUZZI, C. Levantamento de Protocolos e Métodos Diagnósticos do Transtorno Autista Aplicáveis na Clínica Fonoaudiológica: Uma revisão de Literatura. São Paulo: Revista CEFAC, 2013.
- 21.SANTOS, NK; SANTOS, JAM; SANTOS, CP; LIMA, VP. Assistência de Enfermagem ao Paciente Autista. Rio Grande do Sul: Revista de Saúde Dom Alberto, 2019.
- 22.MAGALHAES, J; LIMA, F; SILVA, F; RODRIGUES, A; GOMES, A. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. Enferm. glob., Murcia, v. 19, n. 58, p. 531-559, 2020.
- 23.ARAÚJO, J; VERAS, A; VARELLA, A. Breves Considerações Sobre A Atenção À Pessoa Com Transtorno do Espectro Autista Na Rede Pública De Saúde. Revista Psicologia e Saúde. Campo Grande, 2019.
24. VILAR, A; OLIVEIRA, M; ANDRADE, M; Silvino, C. Transtornos Autísticos e Estratégias Promotoras de Cuidados: Revisão Integrativa. Revista Baiana de Enfermagem. Rio de Janeiro, 2019.
25. SANTOS, SA. Transtornos Globais do desenvolvimento. Curitiba: Intersaberes, 2019. Série Pressupostos da Educação Especial, 2019.
26. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (5th ed.) 2013. Arlington, VA: American psychiatric publishing.
27. GUEDES, NPS. A Produção Científica Brasileira sobre Autismo na Psicologia e na Educação. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Vol. 31, n. 3. Rondônia, 2015.
- 28.MELO, CA; FARIAS, GM; OLIVEIRA, GS; SILVA, JF; NEGREIROS, JEL; PINHEIRO, RCS. Identificação do Papel do Enfermeiro na Assistência de Enfermagem ao Autismo. Centro Universitário Católica de Quixadá. Ceará, 2016.
- 29.BARBOSA, PAS; NUNES, CR. A Relação Entre o Enfermeiro e a Criança Com Transtorno do Espectro Autista. Revista Científica Interdisciplinar. Vol. 2, N. 2. Rio de Janeiro, 2017.
- 30.LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. Fundamentos de metodologia científica. 9 edição. São Paulo, Editora Atlas, 2021